

# Sistema e relação na Teoria do Valor de Ferdinand de Saussure

(System and relation in Ferdinand de Saussure's Theory of value)

Micaela Pafume Coelho<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

micaelapafume@yahoo.com.br

**Abstract:** This paper aims to analyze the elaboration of the principle of linguistic value in the set of manuscripts “Notes pour le cours III”. The main goal of this analysis is to show that the presentation of the linguistic value in this set of manuscripts allows us to know not only the elaboration of the “Theory of Value”, but also Saussure’s search for a definition for his notion of system. Also, it highlights the importance of the notion of relation, in which concerns the functioning of *langue*. This paper is justified by the fact that linguistic value is a fundamental principle for the delimitation of modern Linguistics, and, therefore, deserves an analysis of all its available sources.

**Keywords:** Ferdinand de Saussure; Theory of Value; system; relation.

**Resumo:** Este artigo destina-se à análise da trajetória de elaboração do princípio do valor linguístico no conjunto de manuscritos “Notas para o curso III”. Com essa análise, visamos a expor que a leitura do valor linguístico nos manuscritos em questão nos permite conhecer não só o processo de elaboração da “Teoria do Valor”, mas também a busca do linguista por uma definição da noção de sistema, além de ressaltar a importância da noção de relação para o funcionamento da língua. O presente trabalho se justifica pelo fato de que o valor linguístico é um princípio fundamental na delimitação da linguística moderna e merece, portanto, uma análise de todas as fontes disponíveis a seu respeito.

**Palavras-chave:** Ferdinand de Saussure; Teoria do Valor; sistema; relação.

## Introdução

O conteúdo exposto por Ferdinand de Saussure durante seu último curso, ocorrido de outubro de 1910 a julho de 1911, pode ser conhecido apenas por vias de acesso indireto<sup>1</sup>, uma vez que não há transcrições oficiais de suas aulas. Destacamos, aqui, três vias principais: a) o conjunto de manuscritos “Notas para o curso III”, b) as anotações dos alunos que estiveram presentes nas aulas do linguista, e c) a edição do *Curso de Linguística Geral*<sup>2</sup>, cujo conteúdo é majoritariamente pautado no que foi exposto durante o curso em questão. Contudo, embora esses três materiais sejam constituídos pelo conteúdo apresentado por Saussure em suas aulas, cada um deles foi elaborado com um propósito diferente e apresenta os princípios do linguista em estágios distintos.

O conjunto de manuscritos “Notas para o curso III” não é datado, mas, de acordo com Gambarara (2005, p. 31), pode-se considerar que essas notas foram escritas antes de cada aula ministrada, ou seja, durante os anos de 1910 e 1911. No total, o conjunto é composto por 56 folhas manuscritas, as quais podem ser divididas em duas grandes partes: a primeira, composta pelas primeiras 31 folhas, é destinada a tratar da diversidade de

<sup>1</sup> Cf. Testenoire (2010).

<sup>2</sup> Doravante, CLG.

línguas e da linguística geográfica; a segunda, composta pelas 25 folhas restantes, trata da dualidade da linguística e dos aspectos concernentes à língua.

Nota-se que há mais folhas referentes ao conteúdo obrigatório do curso, isto é, ao conteúdo exposto na primeira parte, do que à contribuição original de Saussure. Nesse sentido, é válido ressaltar o modo como o linguista redigiu cada uma dessas partes. Godel (1969 [1957], p. 36) afirma que, ao analisar as “Notas para o curso III”, tem-se a impressão de que

Saussure redigia voluntariamente as primeiras lições, ou aquelas cujo assunto não apresentava a ele nenhuma dificuldade, mas, em revanche, ele hesitava em colocar no papel as ideias que ele não havia tido tempo para meditar suficientemente: ele se limitava, então, a anotar um esquema, uma reflexão, alguns exemplos. (tradução nossa)<sup>3</sup>

Tendo isso em vista, destacamos o fato de que, apesar de os editores do CLG conhecerem e terem acesso a esse conjunto de manuscritos na época de elaboração da edição, as “Notas para o curso III” não fizeram parte das fontes que a originaram. Afirmamos isso, pois esse conjunto de manuscritos foi catalogado por Godel, e encontra-se na Biblioteca Pública de Genebra sob o código Ms.fr. 3951/23 e, segundo o próprio catalogador,

Os editores viram essas notas, das quais algumas ainda apresentavam, no alto da página à esquerda, uma breve indicação a lápis da escrita de Bally; mas, desencorajados, talvez, por encontrarem apenas fragmentos rebeldes a toda classificação cronológica, eles tiveram que renunciar à continuação da triagem, e utilizaram em seu livro apenas os extratos que Sechehaye havia feito cópia. (GODEL, 1960, p. 5, tradução nossa)<sup>4</sup>

Desse modo, percebemos que os editores optaram por elaborar o CLG com base nas anotações efetuadas por alguns dos alunos que estiveram presentes nos cursos de Saussure. Foram utilizados, no total, os cadernos de sete alunos: L. Caillie, L. Gautier, P. Regard e A. Riedlinger, a respeito dos dois primeiros cursos, e Mme. A. Sechehaye, G. Dégallier e F. Joseph, acerca do terceiro curso, o qual os editores afirmam ser o mais importante (cf. BALLY; SECHEHAY apud SAUSSURE, 2012 [1916], p. 24). Entretanto, embora a importância do último curso seja destacada até mesmo por Bally e Sechehaye, e embora todas as sete partes da edição apresentem pelo menos um capítulo que foi elaborado a partir das anotações dos alunos do terceiro curso, há também capítulos inteiros formulados apenas por meio da utilização dos cadernos dos alunos do primeiro e/ou do segundo curso.

Assim, percebemos que, mesmo que o CLG seja uma via de acesso ao conteúdo do terceiro curso, nele esses princípios se encontram expostos juntamente com os conteúdos componentes dos dois primeiros cursos de Saussure. Além disso, devido ao propósito da edição de se levar à comunidade as elaborações do linguista acerca da Linguística enquanto ciência independente e sobre o seu respectivo objeto de estudo, o CLG não apre-

<sup>3</sup> No original: Saussure rédigeait volontiers les premiers leçons, ou celles dont le sujet ne présentait pour lui aucune difficulté, et qu'en revanche il hésitait à mettre par écrit des idées qu'il n'avait pas eu le loisir de méditer suffisamment : il se bornait alors à noter un schéma, une réflexion, quelques exemples ».

<sup>4</sup> No original: « Les éditeurs du CLG ont vu ces notes, dont certaines portent encore, au haut de la page, à gauche une brève indication au crayon de l'écriture de Bally ; mais, découragés peut-être de ne trouver là que des fragments rebelles à tout classement chronologique, ils ont dû renoncer à poursuivre le triage, et n'ont utilisé dans leur livre que les extraits dont Sechehaye avait fait une copie ».

sentada uma especificação a respeito da origem dos conteúdos nele apresentados. Dito de outro modo, só nos é possível saber qual dos três cursos originou cada parte dos capítulos do livro por meio das edições críticas de De Mauro (1967) e R. Engler (1968), e também com o auxílio de outros materiais complementares.

Dentre esses materiais, destacamos os próprios cadernos dos alunos que estiveram presentes nos cursos de Saussure, principalmente daqueles que cederam suas anotações à BGE e cujo acesso é disponibilizado pela biblioteca. Acerca do terceiro curso, há as anotações de É. Constantin, que totalizam onze cadernos, os quais, por razões desconhecidas,<sup>5</sup> não foram utilizados por Bally e Sechehaye na elaboração do CLG. Tais cadernos só foram cedidos à BGE em 1958, e 45 anos depois, em 1993, foram transcritos, editados e publicados por E. Komatsu e R. Harris, sob o título *Terceiro Curso de Linguística Geral – dos cadernos de Émile Constantin*.<sup>6</sup>

Nessa edição, é apresentada a divisão do curso, os títulos de cada capítulo ministrado por Saussure em suas aulas, e também as datas das lições, informações essas que foram obtidas pelos editores por meio das anotações de Mme Sechehaye. No entanto, as próprias anotações de Mme. Sechehaye, F. Joseph e G. Dégallier, também referentes ao terceiro curso, não foram publicadas por E. Komatsu. Fragmentos dos cadernos desses alunos podem ser encontrados na edição crítica de Engler (1968), de forma relacionada ao conteúdo do CLG.

Dessa forma, vemos que essas três vias de acesso indireto aos princípios expostos por Saussure durante seu terceiro curso diferem entre si devido a também três principais aspectos: a época em que foram elaboradas, o estágio do desenvolvimento dos princípios e os responsáveis por redigi-las. As “Notas para o curso III” foram escritas pelo próprio Saussure em um momento anterior a cada uma de suas aulas, e apresenta majoritariamente rascunhos e reflexões inacabadas acerca do conteúdo do terceiro curso. Os cadernos dos alunos não foram redigidos por Saussure, apesar de as ideias que os compõem serem de autoria do linguista. Além disso, pensamos que, pelo fato de o terceiro curso ter sido o momento em que Saussure ministrou suas últimas aulas, as anotações efetuadas pelos alunos nele presentes apresentam os princípios do linguista em seu estágio mais avançado.

O CLG, por sua vez, consiste em uma edição do que foi anotado pelos alunos do terceiro curso, mas em conjunto com o conteúdo registrado durante os dois primeiros cursos do linguista. Por isso, apresenta não só os princípios saussurianos no estágio de desenvolvimento do terceiro curso, mas também em momentos anteriores. Ademais, o texto da edição foi elaborado em um momento posterior ao terceiro curso – de 1913 a 1916 – e apresenta também partes que foram redigidas pelos editores, a fim de elaborarem um texto coeso.

Assim, considerando as semelhanças e as diferenças existentes entre esses três materiais, pensamos ser pertinente destacar o fato de que o valor linguístico consiste em um princípio central no conteúdo de cada um deles. Além disso, é notável que o terceiro curso foi de grande importância para o desenvolvimento desse princípio saussuriano, pois foi durante suas aulas que Saussure apresentou uma teoria acerca da questão do valor na

<sup>5</sup> Cf. Mejía (2005).

<sup>6</sup> Doravante, TCLG.

Linguística, mesmo que ele já utilizasse a noção de valor em suas elaborações anteriores aos anos de 1910-1911.

Tanto nas “Notas para o curso III” como no TCLG é possível perceber que o linguista ressalta a necessidade de dividir entre histórica e estática todas as ciências que são dependentes de um sistema de valores. Como exemplos, Saussure menciona a Economia, que é baseada em valores que possuem “uma raiz nas coisas”, e a Linguística, cujos valores são “arbitrariamente fixáveis” (SAUSSURE, 1910-1911, f. 36). A partir disso, o linguista começa a tratar sua “Teoria do Valor”, explicando o modo de funcionamento desse princípio e explicitando os elementos indispensáveis para o seu funcionamento.

Contudo, diferente das anotações de Constantin, nas quais o conteúdo do terceiro curso é apresentado de forma mais linear e até mesmo didática, por consistirem em registros de aulas, nos manuscritos preparatórios, o conteúdo do terceiro curso é apresentado, muitas vezes, de forma topicalizada, inacabada e não linear. As partes destinadas a tratar do valor, especificamente, por comporem as folhas do conjunto de manuscrito destinadas à contribuição original de Saussure, apresentam, como já destacamos, um formato menos textual e mais esquematizado.

Ademais, é importante ressaltar a existência de aspectos formais ao longo do texto dos manuscritos, tais como rasuras, incisos e brancos, os quais podem proporcionar o conhecimento da trajetória de desenvolvimento dos princípios saussurianos. Por meio das rasuras e dos incisos podemos identificar trechos abandonados ou, ao contrário, acrescentados quando necessários, e, pelos brancos, podemos reconhecer a existência das dúvidas de Saussure acerca do caminho a seguir em suas elaborações.

Nesse sentido, vamos de acordo à observação de Silveira (2008) de que

É realmente impossível ignorar as elipses de sentido que as rasuras do manuscrito escancaram. Os impasses quase sem sentido que se apresentam nas tentativas de escrita, na escrita e na reescrita sobrepostas, nos incisos; enfim, não é possível desviar-se do que se apresenta como uma tentativa de escrever o que ainda não fora escrito por ninguém. (p. 123-124)

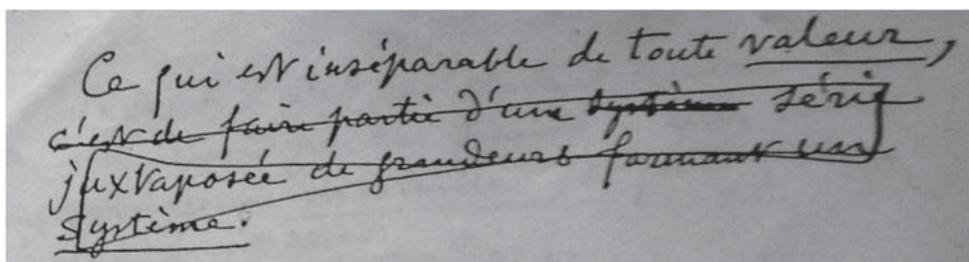
Tendo isso em vista, e ressaltando a importância do valor linguístico enquanto princípio fundamental das elaborações saussurianas, principalmente daquelas concernentes ao terceiro curso, propomos efetuar uma análise do conjunto de manuscritos “Notas para o curso III”, em busca da trajetória de elaboração da “Teoria do Valor”. Para tanto, utilizaremos os capítulos pertencentes à segunda parte do conjunto de manuscritos, dentre os quais nos ateremos principalmente ao capítulo “O valor linguístico”.

Com essa análise, buscamos expor o modo como Saussure apresenta a noção de valor em um momento anterior às aulas do terceiro curso, evidenciando seu processo de teorização. Dessa forma, para que possamos ressaltar as semelhanças existentes entre o conteúdo do conjunto de manuscritos e o modo como a “Teoria do Valor” é conhecida, utilizaremos também em nossa análise o CLG e algumas passagens das anotações dos alunos do terceiro curso.

## O valor linguístico e a interdependência de seus constituintes

As folhas de manuscrito que compõem a segunda parte das “Notas para o curso III” são divididas<sup>7</sup> em seis capítulos, a saber: 1 – Nomenclatura, 2 – Necessidade de alterações dos signos, 3 e 4 – Dualidade da Linguística/A Linguística estática e a Linguística histórica, 5 – O valor linguístico, 6 – Arbitrário absoluto e arbitrário relativo. No entanto, no primeiro, são abordadas apenas questões tangenciais ao valor linguístico, uma vez que nem sua noção nem o termo em si são mencionados. Nos demais capítulos, a noção de valor é abordada, mas só é detalhadamente explicitada no capítulo sexto.

Por isso, nossa análise da trajetória de elaboração da Teoria do Valor no terceiro curso de Saussure será pautada, sobretudo, na abordagem do princípio do valor registrada nas duas folhas que compõem o capítulo intitulado “O valor linguístico”. Tal capítulo, portanto, consiste em nosso objeto específico de análise. Saussure inicia essa abordagem afirmando que há uma condição inseparável de todo valor. Entretanto, essa condição é apresentada e, em seguida, rasurada, como podemos ver no fragmento a seguir:



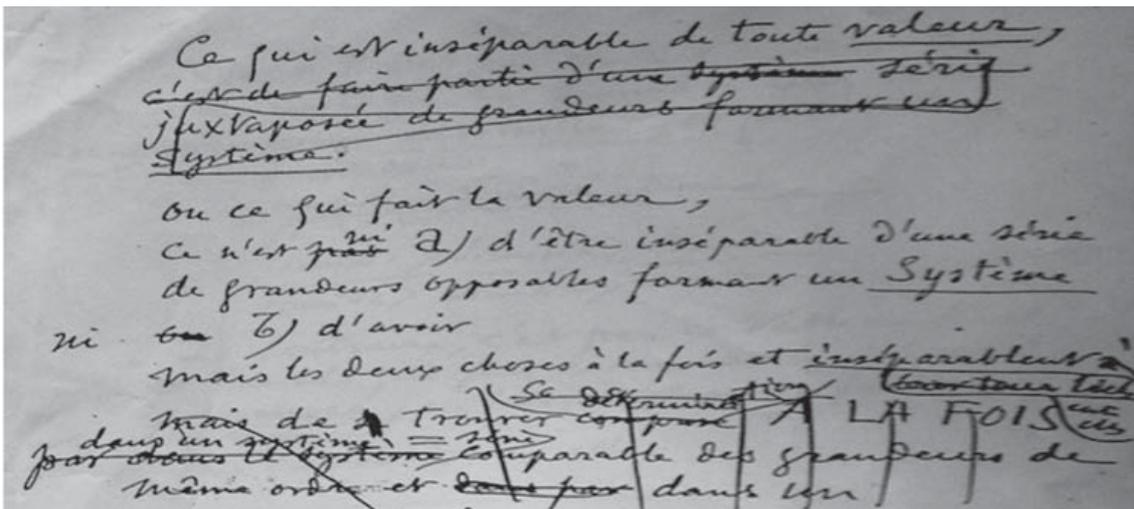
O que é inseparável de todo valor é ~~fazer parte de uma sistema~~ série ~~justaposta de grandezas que formam um sistema~~.<sup>8</sup> (SAUSSURE, 1910-1911, f. 27, tradução nossa)

Nota-se que a condição inseparável do valor é que ele faça parte de uma “série justaposta de grandezas que formam um sistema”. Contudo, como podemos observar no fragmento acima, ao que parece, Saussure considerou primeiramente afirmar que tal condição fosse que o valor fizesse parte simplesmente de um sistema. No entanto, a palavra sistema foi veementemente rasurada, e substituída pela expressão que a segue, que também foi rasurada pelo linguista.

No parágrafo seguinte a esse fragmento, Saussure retoma a primeira frase da folha e continua desconsiderando, *a priori*, as partes abandonadas:

<sup>7</sup> Essa divisão é indicada pelo próprio Saussure por meio de folhas índices que precedem o conteúdo de cada capítulo.

<sup>8</sup> No original: « Ce qui est inséparable de toute valeur, c'est de faire partie d'un ~~système~~ série juxtaposée de grandeurs forment un système. »



O que é inseparável de todo valor é fazer parte de uma sistema série juxtaposta de grandezas que formam um sistema.

Ou o que faz o valor,

Não é <sup>nem</sup> a) ser inseparável de uma série de grandezas oponíveis que formam um sistema nem em b) ter [ ]

Mas as duas coisas ao mesmo tempo e inseparavelmente por sua vez <sup>ligadas entre elas</sup>

Mas encontrar composta sua determinação AO MESMO TEMPO não em um sistema em um sistema = série comparável de grandezas de mesma ordem e não em em um<sup>9</sup> [ ]

(SAUSSURE, 1910-1911, f. 27, tradução nossa)

Vemos que, na frase seguinte ao primeiro trecho rasurado, Saussure adiciona que não se refere apenas às condições inseparáveis do valor, mas também aos aspectos que o constituem. Assim, para expor o primeiro aspecto, o linguista retoma a ideia central da condição apresentada como inseparável ao valor no primeiro parágrafo e, em seguida, indica a existência de um segundo aspecto, que não chega a ser explicitado. Contudo, é importante ressaltar que a simples existência desses dois aspectos não é suficiente para que o valor exista. Para tal, é necessário que eles existam concomitantemente e que sejam “inseparavelmente ligados entre si”.

Além disso, no último trecho desse fragmento, observamos que Saussure apresenta outra definição das condições necessárias para o valor, que, por iniciar-se com a conjunção “mas”, se assemelha à anterior, embora seja visivelmente abandonada, devido à existência de rasuras. Nessa definição, assim como no primeiro fragmento apresentado, o linguista parece hesitar em afirmar que o valor encontra sua determinação em um sistema. Isso pode ser notado pelo fato de que primeiramente é afirmado que a determinação do

<sup>9</sup> No original: « Ce qui est inséparable de toute valeur, c'est de faire partie d'un système série juxtaposée de grandeurs forment un système.

Ou ce qui fait la valeur,

Ce n'est pas <sup>ni</sup> a) d'être inséparable d'une série de grandeurs opposables formant un système ni en b) d'avoir [ ]

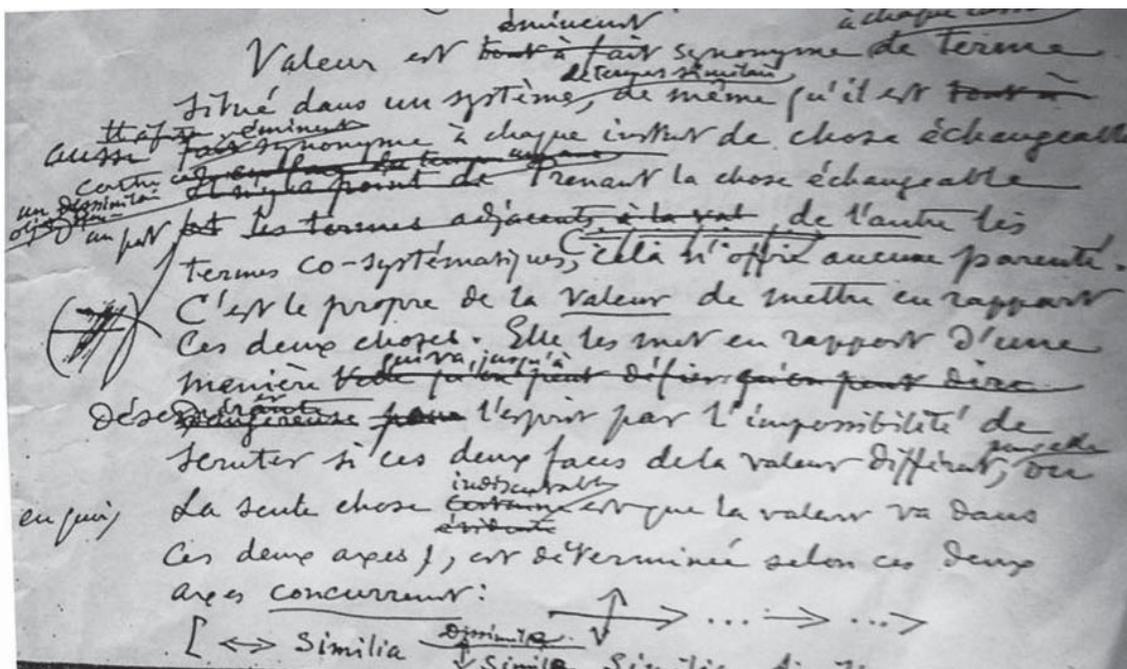
Mais le deux choses à la fois et inséparablement à leur tour <sup>liées entre elles</sup>

Mais de trouver composée <sup>sa détermination</sup> A LA FOIS pas dans le système dans une système = série comparable des grandeurs de même ordre et dans pas dans un [ ] »

valor é encontrada “não em um sistema”, o que é rasurado e substituído por um inciso que apresenta justamente a ideia contrária: “em um sistema = série comparável de grandezas de uma mesma ordem”.

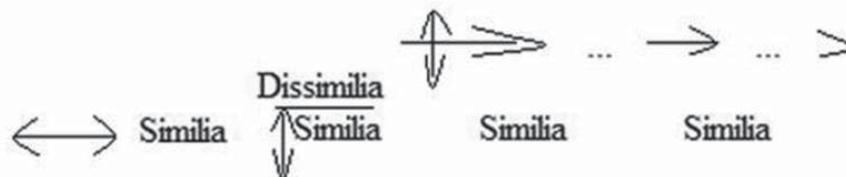
No entanto, vemos que, embora a ideia apresentada no inciso seja contrária à ideia primeiramente apresentada e rasurada, ou seja, apesar de Saussure optar por afirmar que a determinação do valor é encontrada no sistema, o linguista, assim como no primeiro trecho rasurado, iguala sistema a uma série de grandezas. Tendo isso em vista, parece haver uma incerteza no que concerne à utilização do termo sistema, visto que ele aparece constantemente rasurado e há sempre a necessidade de defini-lo.

Ainda, ressaltamos que todas essas tentativas de definições se referem a apenas um dos dois aspectos e condições que fazem o valor, visto que a segunda condição, até então, não foi apresentada. Ora, se a existência **simultânea** desses dois aspectos é requisito fundamental para que haja valor, assim sendo, para entender o funcionamento desse princípio, torna-se indispensável conhecer ambos os elementos que o constituem. Dessa forma, no parágrafo seguinte, Saussure parece finalmente revelar o segundo aspecto constituinte do valor, como podemos ver no fragmento a seguir:



Valor é, na verdade, <sup>eminente</sup> sinônimo <sup>a cada instante</sup> de termo situado em um sistema <sup>de termos similares</sup>, do mesmo modo que é, ~~na verdade~~ <sup>na verdade</sup> também <sup>na verdade</sup>, <sup>eminente</sup> sinônimo a cada instante de coisa trocável, <sup>certo um X objeto X é o que faz de tempo X</sup> Não há nele um ponto [ ] Tomando a coisa trocável <sup>de fato</sup> X os termos adjacentes ao val de outro os termos co-sistemáticos, que não oferecem nenhum parentesco. É próprio do valor colocar em relação essas duas coisas. Ele as coloca em relação de uma maneira <sup>que é até</sup> tal que se pode desafiar, que se pode dizer desesperadora perigosa para o espírito pela impossibilidade de investigar se essas duas faces do valor diferem por elas, visto <sup>em que</sup>, a única coisa indiscutível certa

é que o valor se encontra nesses dois eixos, é determinado segundo esses dois eixos evidente concorrentes.<sup>10</sup>



(SAUSSURE, 1910-1911, f. 27, tradução nossa)

Nesse trecho, Saussure apresenta o valor tanto como sinônimo de “termo situado em um sistema de termos similares”, como também de “coisa trocável contra um objeto dissimilar”. Assim, uma vez que a noção de sistema já havia sido apresentada como elemento *sine qua non* para o valor linguístico, fica claro que a segunda condição para a existência desse princípio consiste no fato de que ele pode ser trocado por um objeto dissimilar.

Além disso, percebemos que, nos trechos iniciais, Saussure considera o sistema primeiramente como “série justaposta de grandezas” e como “série de grandezas oponíveis”, sempre hesitando a respeito da utilização do termo “sistema”. No entanto, nesse último trecho, a palavra em questão não aparece rasurada e, ainda, é seguida de um inciso que caracteriza seus componentes como “termos similares”. Desse modo, se considerarmos também as definições de sistema apresentadas anteriormente, vemos que Saussure apresenta o valor como sinônimo de sistema de termos justapostos, oponíveis e similares, os quais podem ser trocados por uma coisa dessemelhante. Logo em seguida, o linguista propõe um esquema em que esses dois elementos são representados respectivamente por *similia* e *dissimilia* e se encontram relacionados entre si.

Tendo isso em vista, questionamos: quais são esses elementos similares e dissimilares que, juntos, são indispensáveis para a existência do valor? Se recorrermos ao CLG, veremos que, no capítulo “Valor linguístico”, é afirmado que:

[...] mesmo fora da língua, todos os valores parecem estar regidos por esse princípio paradoxal. Eles são sempre constituídos:

1º por uma coisa **dessemelhante**, suscetível de ser **trocada** por outra cujo valor resta determinar;

2º por uma coisa **semelhante** que se podem comparar com aquela cujo valor está em causa.

Esses dois fatores são necessários para a existência de um valor. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 162, grifo original)

<sup>10</sup> No original: « Valeur est éminemment tout à fait synonyme à chaque instant de terme situé dans un système de termes similaire, de même qu’il est tout à fait aussi il à fait éminemment synonyme à chaque instant de chose échangeable, contre un X objet dissimilaire ce qui fait de temps X Il n’y a point de [ ] Prenant la chose échangeable en fait X les termes adjacents à la val de l’autre les termes co-systématiques, cela n’offre aucune parenté. C’est le propre de la valeur de mettre en rapport ces deux choses. Elle les met en rapport d’une manière qui va jusqu’à telle qu’on peut défier, qu’on peut dire désespérant dangereuse pour l’esprit par la impossibilité de scruter si ces deux faces de la valeur diffèrent pour elles, vu en quoi, la seule chose indiscutable certaine evidente est que la valeur va dans ces deux axes, est déterminé selon ces deux axes concurrents. »

É notável a semelhança entre esse trecho da edição e o trecho do conjunto de manuscritos citado anteriormente. No entanto, no CLG, Saussure não se atém apenas aos elementos que compõem toda espécie de valor, visto que especifica os elementos semelhante e dessemelhante que entram em jogo quando se trata do valor linguístico:

Do mesmo modo, uma palavra pode ser trocada por algo dessemelhante: uma ideia; além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza: uma outra **palavra**. Seu valor não estará fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser “trocada” por este ou aquele **conceito**, isto é, esta ou aquela **significação**; falta ainda compará-la a valores semelhantes, com as **palavras** que se lhe podem opor. (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 134, grifo nosso)

Assim, é notável que, para que haja valor linguístico, é necessário que seus termos componentes possam ser comparados a uma outra palavra, que consiste na coisa semelhante, e também que possam ser trocados por um conceito ou significação<sup>11</sup>, que consiste na coisa dessemelhante. Assim, é importante ressaltar que não nos restam dúvidas de que a palavra deva ser tomada como o elemento semelhante aos termos componentes do sistema, uma vez que, em todo o capítulo “Valor linguístico” do CLG, Saussure a utiliza como elemento equivalente à unidade linguística, visto que mesmo “sem recobrir exatamente a definição de unidade linguística, dão dela uma ideia pelo menos aproximada, que tem a vantagem de ser concreta” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 160).

Entretanto, definir a coisa dessemelhante como o conceito pode se mostrar, de início, como uma questão delicada. Afirmamos isso a partir do ponto de vista saussuriano de que

Psicologicamente, abstração feita de sua expressão por meio das palavras, nosso pensamento não passa de uma massa amorfa e indistinta. [...] Tomado em si, o pensamento é como uma nebulosa em que nada está necessariamente delimitado. Não existem **ideias** preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 158, grifo nosso)

Ou seja, para Saussure, não existe pensamento sem língua. Dessa forma, não existem ideias e nem conceitos que preexistem ao desenvolvimento da língua no indivíduo. Além disso, é necessário ter em mente que, de acordo com Saussure (2012 [1916], p. 147), “a entidade linguística só existe pela associação do significante e do significado”. Considerando os termos “significante” e “significado” como sinônimos, respectivamente, de “imagem acústica” e “conceito”, fica evidente que o conceito consiste em um elemento constituinte das entidades linguísticas.

Assim, percebemos que o conceito é formado pelas unidades linguísticas, assim como também consiste em um de seus componentes. Tendo isso em vista, como pode ele ser tomado como uma coisa dessemelhante às unidades/entidades do sistema linguísti-

<sup>11</sup> A conceituação de “significação” nas elaborações saussurianas não é bem delimitada, visto que podemos encontrar tal termo representando a “contraparte da imagem acústica” (Cf. SAUSSURE, 2012 [1916], p. 161), ou seja, como sinônimo de conceito e significado, como também podemos encontrá-lo designando a relação vertical existente entre os componentes do signo linguístico. No entanto, uma vez que, no trecho citado, o termo “significação” é equiparado ao termo “conceito”, tomaremos, nesse contexto determinado, os dois como sinônimos.

co? Visando a solucionar essa questão, consideramos pertinente destacar outro trecho do CLG, em que são apresentados os respectivos lugares, perante as ciências, que cabe dar aos componentes do signo linguístico:

Uma sequência de sons só é Linguística quando é suporte de uma ideia, tomada em si mesma, não é mais que a matéria de um estudo fisiológico. O mesmo ocorre com o significado se o separarmos de seu significante. **Conceitos como “casa”, “branco”, “ver” etc., considerados em si mesmos, pertencem à Psicologia; eles só se tornam entidades linguísticas pela associação com imagens acústicas; na língua, um conceito é uma qualidade da substância fônica, assim como uma sonoridade determinada é uma qualidade do conceito.** (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 147-148, grifo nosso)

Ora, se o conceito por si só consiste em um objeto da Psicologia, então, considerado de forma separada da imagem acústica, ou seja, fora do signo, ele não é linguístico, mesmo que a língua seja necessária para sua concepção. Sob essa ótica, nota-se que o conceito é, de fato, um elemento dessemelhante à entidade linguística, uma vez que esta pertence claramente à Linguística. Esse posicionamento pode ser confirmado pelas anotações dos alunos do terceiro curso, indicadas por Engler:

**Dégallier:** Os diferentes conceitos (amar, ver, casa), se os separamos de um signo representativo, são conceitos que, considerados por si só, não são mais linguísticos. O conceito deve ser apenas o valor de uma imagem acústica.

**Constantin:** Deve-se dizer a mesma coisa do lado espiritual do signo linguístico. Se tomarmos por si mesmos os diferentes conceitos, separados de seus representantes, <de um signo representativo,> eles são um conjunto de objetos psicológicos: <amar, ver, casa>. Na ordem psicológica, pode-se dizer que é uma unidade complexa. O conceito deve ser apenas o valor de uma imagem <acústica> para fazer parte da ordem linguística. (ENGLER, 1968, p. 232, tradução nossa)<sup>12</sup>

Esses fragmentos das anotações dos alunos confirmam o fato de que, desvinculado da imagem acústica, o conceito deixa de ser um elemento linguístico para ser um objeto da Psicologia. Além disso, no trecho registrado por Constantin há a afirmação de que “o conceito deve ser apenas o valor da imagem acústica para fazer parte da ordem linguística”. Tal fato nos leva a ressaltar um pequeno trecho do último fragmento citado das “Notas para o curso III”, em que é ressaltado o papel do valor como elemento que relaciona os elementos que o compõem:

Tomando a coisa trocável <sup>de fato</sup> ~~X os termos adjacentes ao val~~ de outro os termos co-sistemáticos, que não oferecem nenhum parentesco. É próprio do valor colocar em relação essas duas coisas. Ele as coloca em relação de uma maneira <sup>que é até</sup> ~~tal que se pode desafiar, que se pode dizer desesperadora perigosa para o~~

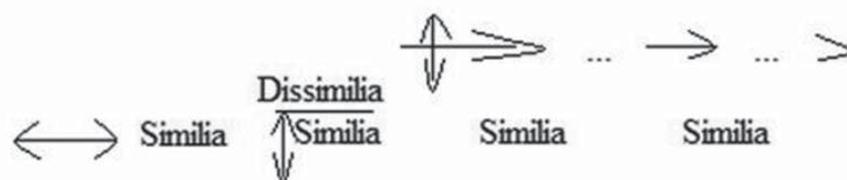
<sup>12</sup> No original: « **Dégallier:** Les différents concepts (aimer, voir, maison), si on les détache d'un signe représentatif, ce sont des concepts qui, considérés pour eux-mêmes, ne sont plus linguistiques. Il faut que le concept ne soit que la valeur d'une image acoustique.

**Constantin :** Il faut dire la même chose de la face spirituelle du signe linguistique.

Si l'on prend pour eux-mêmes les différents concepts en les détachant de leur représentant, <d'un signe représentatif,> c'est une suite d'objets psychologiques : <aimer, voir, maison>. Dans l'ordre psychologique, on pourra dire que c'est une unité complexe ».

Il faut que le concept ne soit que la valeur d'une image <acoustique> pour faire partie de l'ordre linguistique ».

espírito pela impossibilidade de investigar se essas duas faces do valor diferem por elas, visto <sup>em que</sup>, a única coisa indiscutível ~~certa~~<sup>evidente</sup> é que o valor se encontra nesses dois eixos, é determinado segundo esses dois eixos concorrentes:



(SAUSSURE, 1910-1911, f. 27)

Saussure afirma que, tomada separadamente, a coisa trocável, ou seja, o conceito, não apresenta nenhum parentesco com os termos co-sistemáticos; isso porque, como já evidenciamos, estes consistem em componentes linguísticos, enquanto que o conceito pertence à Psicologia. No entanto, por meio do valor, esses dois elementos passam a se relacionar, de uma maneira que é caracterizada por Saussure como desesperadora, mas que não é explicitada.

Dessa forma, é válido lembrar que o conceito só é linguístico quando se torna a contraparte da imagem acústica, e que a união desses dois elementos (conceito e imagem acústica) forma o signo linguístico, isto é, cada um dos termos co-sistemáticos. Assim, mesmo que Saussure não explicita o modo como o valor relaciona as entidades linguísticas aos conceitos, consideramos pertinente a hipótese de que essa relação se dá por meio da união arbitrária entre os significantes e os significados. Essa suposição pode ser reafirmada pelo fato de Saussure indicar, nesse mesmo fragmento do manuscrito, que o valor é determinado por dois eixos concorrentes: um horizontal e um vertical.

Logo, ao tomarmos mais uma vez como base o texto do CLG, vemos que a relação vertical existente no interior do signo, ou seja, entre significante e significado, consiste em uma relação arbitrária, que é dependente das relações de valor entre os termos do sistema. Dito de outro modo,

[...] a ideia de valor [...] nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de um certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 160)

Assim, fica evidente que é o valor, enquanto o conjunto de relações horizontais entre os termos do sistema, que estabelece a relação vertical entre a imagem acústica e o conceito, fazendo com que este se torne, por conseguinte, um elemento da língua. Uma vez determinado como linguístico, o conceito, que *a priori* consistia em um elemento dessemelhante às entidades do sistema, passa a se assemelhar a elas, justamente por ambos estarem inseridos no âmbito da Linguística.

## Considerações finais

O objetivo deste trabalho consistiu em investigar a trajetória de elaboração da “Teoria do Valor” no conjunto de manuscritos “Notas para o curso III”. Para tanto, foi primeiramente necessário que delimitássemos como objeto específico de nossa análise o capítulo intitulado “Valor linguístico”, que destina-se a tratar, como é indicado pelo próprio nome, do princípio do valor.

Uma vez efetuada, a análise da trajetória de elaboração da “Teoria do Valor” nas “Notas para o curso III” mostrou que, no documento em questão, Saussure estabelece uma busca não apenas pela caracterização da noção de valor, mas também por uma definição da noção sistema. Essa definição parece estar diretamente vinculada ao princípio do valor linguístico, e que se fundamenta pela aproximação do sistema a uma “série justaposta de grandezas oponíveis”. Desse modo, é notável a existência de um vínculo entre o processo de elaboração da Teoria do Valor e o movimento de construção da noção saussuriana de sistema. Esse vínculo, por sua vez, só pode ser efetivado pela noção de relação, a qual, segundo o que é exposto no conjunto de manuscritos, só existe devido ao valor, e pode ser notada no laço existente entre o sistema e o caráter trocável dos termos que o compõem.

## REFERÊNCIAS

- DE MAURO. Notes. In: SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale* - Édition critique préparé par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1967. p. 406-495.
- ENGLER, R. Notes. In: SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique par Rudolf Engler (Tome 1). Wiesbaden: Harrassowitz, 1968.
- GAMBARARA, D. Un texte original: Présentation des textes de F. de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève, v. 58, n. 58, p. 29-42, 2005.
- GODEL, R. Inventaire des manuscrites de F. de Saussure remis a la Bibliothèque Publique et Universitaire de Genève. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genève, v. 17, n. 17, p. 5-11, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. 2<sup>e</sup> tirage. Genève: Librairie Droz, 1969 [1957].
- KOMATSU, E. ; HARRIS, R. Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911): d’après les cahiers d’Emile Constantin. In: SAUSSURE, F. *Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911): d’après les cahiers d’Emile Constantin / Saussure’s third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin*. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1993.
- MEJÍA, C. Sous les signe de doute – Présentation des textes de E. Constantin. *Cahier Ferdinand de Saussure*, Genève, v. 58, p. 43-67, 2005. (Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure. Librairie Droz S.A)
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Cultrix, 2006. *Cours de linguistique general*. Charles Bally e Albert Sechehaye (org.), com a colaboração de Albert Riedlinger, [1916].
- \_\_\_\_\_. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique préparé par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1967 [1916].
- \_\_\_\_\_. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique par Rudolf Engler (Tome 1). Wiesbaden: Harrassowitz, 1968.

\_\_\_\_\_. *Curso de linguística geral*. Tradução de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. *Cours de linguistique general*. Charles Bally e Albert Sechehaye (orgs.), com a colaboração de Albert Riedlinger, [1916].

\_\_\_\_\_. *Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911): d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin*. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1993.

\_\_\_\_\_. Notes pour le cour III. In: *Papiers Ferdinand de Saussure, 3951*. Bibliothèque de Genève, 1910-1911. 56 f.

SILVEIRA, E. M. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

TESTENOIRE, Y. P. Genèse d'un principe saussurien : la linéarité. *Revue Recto-verso*. n. 6, p. 1-14, 2010. Disponível em: <<http://www.revuerectoverso.com>>. Acesso em: 8 jul. 2013.